Boletim informativo da CDU Fundão



cdufundao2017@gmail.com

MUNDO RURAL Problemas e Desafios



☐ MUNDO RURAL

Problemas e Desafios ☐ TEM A PALAVRA

Agricultura familiar pilar fundamental da alimentação □ BOM EXEMPLO

TEATRO-Filhas do Monte □ CONTRADITÓRIO

Acerca do declínio demográfico

□ REGIÃO

Um escritor do Tortosendo, Gabriel Raimundo

EDITORIAL

Mundo Rural





Ao longo das últimas décadas temos vindo a assistir a um constante declínio do mundo rural. O concelho de Fundão que era, e de certa foram ainda é, predominantemente agrícola não podia fugir a esta realidade. É o definhar do interior mais interior a que não se tem sabido dar a resposta adequada.

Do mundo rural que, com o seu esforço e saber se sustentava e provia a cidade com o fundamental, hoje resta uma pálida imagem. Mas ele continua a ser determinante para a nossa sustentabilidade. Por isso há que o valorizar e defender encontrando as formas de conjugar saber tradicional e inovação que permitam ultrapassar as dificuldades estruturais e garantam uma digna qualidade de vida.

Por isso dedicamos o n.º 17, de Março de 2023, de O Barbilho ao Mundo Rural e à sua defesa. Analisamos os seus problemas e desafios e contamos com colaborações com abordagens diferenciadas. A Agricultura familiar é o tema em "VOZES AO ALTO" e "TEM A PALAVRA". A rubrica "OPINIÃO" fala-nos da cultura arbórea no concelho, numa perspética histórica, mas também de futuro.

E há muito mais, como a nova rúbrica (in) Momentos, uma saudação ao 8 de Março e os parabéns aos Caminheiros da Gardunha.

Boas leituras

Carnaval 2023 Parabéns Caminheiros da Gardunha



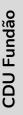
ÍNDICE

- ☐ MUNDO RURAL Problemas e desafios
- VOZES AO ALTO Apoiar a Agricultura Familiar
- ☐ TEM A PALAVRA Agricultura familiar pilar fundamental da alimentação
- ☐ OPINIÃO O Fundão e o roteiro de um Museu da Árvore, ao vivo
- ☐ CONTRADITÓRIO- Acerca do declínio demográfico
- BOM EXEMPLO Teatro : As Filhas do Monte
- NOTÍCIA Caminhada: Na rota da Produção de Energia
- ☐ TRIBUNA Quando se escolhe colaborar com a perpetuação da desigualdade ...
- ☐ (IN)MOMENTOS Terra
- SAUDAÇÃO Dia Internacional da Mulher
- **REGIÃO** Um escritor do Tortosendo, Gabriel Raimundo
- GARDUNHA Poética de um lugar Jardins de Pedra

Consulte os anteriores números aqui

Siga-nos nas redes sociais!

https://www.facebook.com/CDUFundao https://www.facebook.com/cdu.uniao.fundao https://www.instagram.com/cdufundao6230/ https://twitter.com/CduFundao





MUNDO RURAL

Problemas e desafios

Há já algumas décadas que o país e o nosso concelho se deparam com o declínio demográfico do mundo rural. Porém, pese embora as inúmeras narrativas, muitas delas meramente opinativas, poucas vão aos contornos reais e concretos do problema.

Tendo em consideração tipologia ordenamento do território e os dados do Censo poderemos ter uma primeira aproximação à ruralidade do concelho do Fundão. Com efeito, excetuando as freguesias que integram a União de Freguesias do Fundão, Valverde, Donas, Aldeia de Joanes e Aldeia Nova do Cabo, todas as restantes, 22 freguesias, classificadas como Áreas podem ser Predominante Rurais.



Há já algumas décadas que o país e o nosso concelho se deparam com o declínio demográfico do mundo rural.

E isto, quando as freguesias rurais têm uma enorme relevância. Para além de serem vitais reservas е espaços naturais vida sobrevivência da no planeta, representam parcelas significativas do território e da ocupação e presença humana.

No Concelho do Fundão as freguesias rurais ocupam 91,7% do território e contam com 52% da população.

Demografia

	Var % 2011-21	Den Pop	Envelhec					
Alcaide	-5,4%	34,91	474,00					
Alcaria	-6,7%	51,21	297,27					
Alcongosta	-16,3%	56,99	259,18					
Alpedrinha	-14,4%	57,41	342,11					
Barroca	-23,8%	16,36	933,33					
Bogas Cima	-5,5%	10,51	457,58					
Capinha	-16,8%	10,38	524,14					
Castelejo	-14,3%	19,05	550,00					
Castelo Novo	-13,1%	8,72	281,82					
Enxames	-16,0%	19,42	518,18					
Fatela	-19,1%	40,35	251,92					
Lavacolhos	-23,7%	9,05	1062,50					
Orca	-17,1%	9,80	1000,00					
Pêro Viseu	-11,5%	33,54	233,78					
Silvares	0,0%	47,92	342,31					
Soalheira	-4,4%	68,71	432,05					
Souto Casa	-7,6%	25,37	332,88					
Telhado	-6,3%	32,90	265,33					
Três Povos	-19,0%	11,21	1052,63					
Jan C e Bogas B	-15,0%	9,18	1273,68					
Atalaias	-12,5%	42,93	459,14					
Vale P M Rainha	-15,5%	16,46	629,11					

Para além de uma ou outras ilha diferenciadora, estamos face a territórios regressivos. A ilha é Silvares que não perde população, todas as outras, incluindo o Grande Fundão (-6%), perdem e de forma muito significativa Barroca, Lavacolhos, Fatela e Três Povos (1)% a 24%).

Acrescem as baixas densidades demográficas, com os seus problemas de escala e dispersão, como são os casos de Castelo Novo, Orca, Capinha e Bogas de Cima, Lavacolhos e Janeiro de Cima (9 a 11 hab/Km2).

O envelhecimento é outra evidência transversal, mas o que é particularmente relevante é o envelhecimento em Barroca, Lavacolhos, Orca, Três Povos e Janeiro de Cima (10 a 13 Idosos -maiores de 65 anos / por cada jovem com menos de 15 anos).

Economia e sociedade

A par da debilidade demográfica, as freguesias rurais também contam com um frágil tecido económico e social o que conjugado com a geografia dos lugares se traduz em reduzidas acessibilidades a equipamentos e serviços.

Analisando as **taxas de atividade** verificam-se são **muito baixas** (25% a 30%), designadamente em Barroca, Bogas de Cima, Orca, Três Povos e Janeiro de Cima.

Relativamente à repartição setorial do emprego é o setor terciário que ocupa a maior parte da população de todas as freguesias do concelho (rurais e urbana). É de assinalar a relevância do setor social em Alpedrinha, Três Povos, Capinha e Souto da Casa (31% a 35%).

O setor primário, que no Continente e Região Centro tem fraca expressão (2% e 3,5%), é significativo em Alcongosta, Castelo Novo, Orca e Vale de Prazeres (20% a 25%).

Quanto ao **setor secundário** é de assinalar o perfil industrial do emprego em Silvares, Lavacolhos, Bogas de Cima e Barroca (35% a 49%), dada a presença da Mina, construção civil e indústria da madeira.

Quanto aos níveis de **escolarização**, factor crítico do desenvolvimento, pese embora avanços, persistem problemas. São elevados os valores da população sem nenhum nível de escolarização, particularmente em Alcongosta, Atalaias, Castelejo, Enxames, Três Povos e Vale Prazeres (20% a 23%). Já Castelo Novo e Alcaria são as freguesias mais escolarizadas (Ensino Superior 16,2% e 12,4%)

		Emprego			Educação		
	Taxa Atividade	I	II	III	Nenhum	Básico	Superior
Alcaide	38,42	8,9%	24,3%	66,8%	14,24%	62,09%	9,43%
Alcaria	45,96	3,8%	33,8%	62,4%	12,99%	53,86%	12,44%
Alcongosta	42,07	24,2%	17,6%	58,2%	20,91%	53,61%	8,41%
Alpedrinha	37,1	10,4%	22,7%	66,9%	15,91%	56,56%	9,35%
Barroca	23,28	3,8%	33,8%	62,5%	12,43%	72,75%	6,88%
Bogas Cima	29,57	15,6%	38,5%	45,8%	23,17%	62,50%	4,27%
Capinha	36,98	15,4%	33,1%	51,5%	17,76%	56,20%	6,81%
Castelejo	30,78	9,1%	32,9%	57,9%	20,46%	58,19%	4,98%
Castelo Novo	43,06	23,4%	14,2%	62,4%	11,33%	50,42%	16,15%
Enxames	37,53	6,5%	37,9%	55,6%	21,97%	53,09%	6,41%
Fatela	41,45	6,1%	31,5%	62,4%	16,01%	55,48%	8,11%
Lavacolhos	32,22	0,0%	49,1%	50,9%	6,11%	78,33%	4,44%
Orca	27,64	21,7%	30,1%	48,3%	17,07%	64,75%	7,24%
Pêro Viseu	38,82	11,6%	32,3%	56,0%	15,53%	57,14%	6,99%
Silvares	36,88	1,2%	41,1%	57,7%	17,77%	57,02%	7,23%
Soalheira	37,09	9,6%	27,2%	63,1%	15,26%	58,45%	9,04%
Souto Casa	39,01	6,4%	35,8%	57,7%	15,42%	57,91%	9,38%
Telhado	37,82	8,8%	30,4%	60,8%	14,68%	62,00%	7,08%
Três Povos	24,19	9,6%	22,9%	67,5%	20,14%	64,46%	4,59%
Jan C e Bogas B	25,41	5,9%	27,5%	66,7%	14,35%	69,18%	5,18%
Atalaias	30,22	12,6%	29,9%	57,5%	22,33%	58,90%	6,16%
Vale P M Rainha	29,49	21,2%	23,7%	55,1%	20,97%	57,98%	6,77%

Desafios

Nas últimas décadas não têm faltado estudos sobre o mundo rural português e todos eles são unânimes no reconhecimento das suas dificuldades estruturais, revelando até a existência de uma matriz cultural que associa a ruralidade e a agricultura a trabalho desqualificado e sujo, sem horários e gerador de fracos rendimentos. Isto, a par de desinvestimento, abandono e políticas europeias desenhadas e capturadas pelos grandes agricultores e o agronegócio.

Ora o que é imperioso é romper este ciclo vicioso e avançar com novas politicas e abordagens.



Quando se fala de desenvolvimento rura, la Declaração de Cork (216) aponta caminhos a seguir, designadamente ao nível da **prosperidade**, das **cadeias de valor** e do **ambiente**.

Sem navegações à vista, mas com propósito claro e definido, importa partir da identidade territorial e implementar estratégias integradas e abordagens multissetoriais. Tal será possível recorrendo à integração horizontal e vertical das cadeias de valor; garantindo justas relações contratuais; promovendo e facilitando a organização coletiva dos agricultores; criando mecanismos eficazes de gestão de riscos (seguros); assegurando a gestão sustentável de recursos naturais como a água, o solo e a biodiversidade, verdadeiros meios de produção agrícola e florestal.

De facto, o ambiente rural tem um valor intrínseco que importa defender e valorizar. Ele é não só determinante da sustentabilidade, como gera benefícios, tais como a identidade alimentar e as atividades de lazer e turismo.

Outro ativo para a promoção do desenvolvimento rural é a identidade. Neste contexto, quando o abandono e o isolamento corroem os valores identitários a consequência é a perda de auto estima e do sentimento de pertença. E sem capital social as oportunidades de futuro não acontecem. Porém, quando se conseguem sinergias é a própria identidade e os valores patrimoniais a ela associada que geram dinâmicas de turismo rural, de natureza, de experiência e de emoções.

Se a ruralidade, porque mais perto da natureza, se pode apresentar, para alguns, como idílica, ela só se materializará se quem aí viver e produzir tiver efetivo acesso a bens e serviços básicos e culturais. A agricultura familiar, a produção e certificação de produtos e marcas, as atividades artesanais, os pequenos mercados e feiras, o turismo, a produção de energia sustentável e outras atividades da economia verde só serão possíveis e viáveis com uma boa acessibilidade a infraestruturas de comunicação e mobilidade.

O desafio afigura-se complexo, envolve equilíbrios, mas não é impossível. Trata-se, designadamente, de assegurar a qualidade de vida aos residentes de sempre e captar novos residentes; promover e apoiar respostas sociais para as gerações mais velhas e incentivar ações e produtos criativos e inovadores atrativos para os mais jovens; abrir possibilidades de diálogo entre o rural e o urbano e entre a tradição e a inovação.

Finalmente, importa não contaminar as novas abordagens com oportunismos e ganância. O mundo rural não precisa de culturas intensivas, nem do agronegócio, nem tão pouco da exploração desenfreada de lítio e de centrais de energias, biomassa e fotovoltaicas, com localizações extensivas, desadequadas e práticas poluidoras.



VOZES AO ALTO

Apoiar a agricultura familiar

Fernando Leal tem 73 anos, está reformado e desde então explora um cerejal com 3 hectares no Alcaide. O senhor Fernando tem 2 filhos que emigraram. Um deles costuma vir para ajudar nas tarefas agrícolas, muito mais para aliviar o stress da sua vida profissional em Londres do que por considerar que a atividade agrícola do pai possa ter futuro. E há de facto um claro envelhecimento do perfil dos agricultores uma vez que para um jovem a profissão se afigura de risco, sujeita a fatores climatéricos, intempéries e secas severas que põem em causa o já frágil equilíbrio orçamental.

O senhor Fernando entende e respeita as opções dos filhos, pois as contas têm de ser pagas ao fim do mês e não se compadecem com condições climatéricas ou com a subida do preço dos adubos que utiliza, os quais, a título de exemplo, custavam há 1 ano 12 cêntimos por litro e custam hoje mais de um euro. Reitera que só conhece na terra um agricultor jovem que se dedica à atividade agrícola, quando acaba a sua jornada laboral no Tortosendo ou ao fins-de-semana, o que parece indicar que uma pequena exploração, dificilmente pode constituir o meio de subsistência para uma família.



Aníbal Cabral é dirigente na Associação Distrital dos Agricultores de Castelo Branco (ADACB), uma Associação sem fins lucrativos com sede na cidade do Fundão, porque historicamente o concelho foi considerado iminentemente rural caraterizado pela existência de minifúndios e uma agricultura familiar. Tem perto de 3000 associados, que apoia na elaboração de pedidos de subsídios agrícolas e oferece serviços de aconselhamento, formação profissional e registos de animais e explorações pecuárias.

Segundo Aníbal Cabral, contrariamente ao anunciado, o PEPAC- Plano Estratégico da Politica Comum Agrícola - tem mais exigências, é mais burocrático, penaliza os pequenos e médios agricultores, e o Plano de Recuperação e Resiliência não serve a agricultura do concelho que consiste justamente em minifúndios e agricultura familiar. Reitera que as políticas públicas deveriam defender a agricultura familiar, numa ótica de justiça uma vez que 90% das ajudas vão para 10 % dos grandes agricultores.

Como referido pelo senhor Fernando, a conjuntura particularmente difícil atual agricultores que sofrem grandes quebras nos seus rendimentos em resultado do aumento desmedido dos fatores de produção conseguindo escoar a produção a preços justos e compensadores. A situação é tanto mais grave, quanto o rendimento dos agricultores já era reduzido e as medidas de apoio decretadas deixam de fora milhares de pequenos e médios produtores que constituem a maior parte dos agricultores do concelho do Fundão.

Como a maior parte não têm seguro, as ocorrências climatéricas podem ser dramáticas, pelo que Aníbal Cabral considera que deveriam existir seguros adaptados e acessíveis aos pequenos agricultores ou seguros públicos para a agricultura familiar. Considera ainda importante o controle do aumento da população de animais selvagens (javalis e cervídeos) que causam graves prejuízos, a valorização dos produtos locais como, por exemplo, o fornecimento de produtos hortícolas às cantinas escolares que parecem estar mais preocupadas com o controlo dos preços do que com a qualidade das refeições.

Finalmente, aponta como prioridade a conclusão do Regadio da Cova da Beira, mais especificamente na zona da Grameneza e na margem direita do rio Zêzere. Apesar dos produtos de excelência como o azeite, o vinho e a cereja produzidos no concelho, não haverá desenvolvimento sem apoios e proteção dos pequenos agricultores e da agricultura familiar.

TEM A PALAVRA

Agricultura familiar pilar fundamental da alimentação

A Agricultura Familiar tem uma importância inegável em Portugal. Existem 286 191 explorações identificadas nos Censos Agrícolas, a esmagadora maioria das quais são familiares, ou seja, usam maioritariamente mão de obra do agregado familiar ou de familiares próximos, podendo recorrer, esporadicamente, a mão de obra de terceiros.

Porém, não me refiro apenas a pequenas hortas para consumo doméstico, antes a dezenas de milhar de produtores que cultivam 3 ou 4 hectares de vinha, produzem batata para vender, têm 30 ou 40 vacas a produzir leite, ou tratam de floresta com 3 ou 4 hectares. Segundo o INE, no nosso País, mais de 240 mil explorações agrícolas são familiares, o que representa 85% do total, mas ocupam a maior parte da Superfície Agrícola Utilizada (SAU) e mais de 80% do trabalho agrícola. E, segundo o Gabinete de Políticas Públicas do Ministério da Agricultura, agricultura familiar (...) tem apresentado indicadores de menor resiliência. Composta por explorações aue tendem ser pouco especializadas não especializadas. ou com frequente recurso ao plurirrendimento e à pluriatividade. Está mais presente nas regiões Norte, Centro e Algarve. Corresponde à grande maioria dos agricultores, mas é minoritária em termos de valor da produção e proporção da SAU."

Apesar dos números que atrás referimos, a 30 de Dezembro de 2022 (últimos dados disponíveis) havia 2417 títulos do Estatuto de Agricultura Familiar atribuídos, dos quais 665 estão activos. Qual a razão para estes números? Apontaria quatro razões.



Mariana SilvaDirigente do PEV



Em **primeiro** lugar porque os critérios são muito restritivos. Façam-se as contas e vê-se que uma família em que os dois trabalhem por conta de outrem e tenham a agricultura como rendimento complementar só muito dificilmente encaixam nos critérios.

Em **segundo**, por causa do tecido agrícola que temos, com uma média etária de 64 anos, podendo ser mais na agricultura familiar, com pouca literacia e com pouco acesso à Internet, uma vez que falamos sobretudo do interior onde a rede não chega às explorações.

Depois, por ausência, no terreno, das estruturas do Ministério da Agricultura, a promover este instrumento.

Por fim, porque, ter ou não ter o Estatuto é quase igual, os agricultores não têm praticamente benefícios dessa medida. Os apoios públicos são sobretudo canalizados para o grande agronegócio e para as culturas superintensivas, com impactos sociais e ambientais muito graves, enquanto as grandes cadeias de distribuição impedem a capacidade de escoamento dos produtos das pequenas áreas agrícolas.

Para Os Verdes a agricultura familiar para além de constituir o pilar fundamental da nossa alimentação, é um dos suportes basilares da evolução da sociedade portuguesa ao nível económico, da coesão social, da defesa do ambiente, do território e da identidade cultural.

Valorizá-la é determinante, garantindo os recursos necessários para a viabilização dos direitos consagrados no Estatuto da Agricultura Familiar e através de formas de comércio tradicional ou de proximidade, como são os mercados e vendas diretas, perpetuando o saber ancestral e valorizando os recursos naturais e o território na produção de alimentos, garantes da soberania e segurança alimentar.

Continuaremos a lutar por ela.

OPINIÃO

António dos Santos Pereira Professor Universitário/Historiador



O Fundão e o roteiro de um Museu da Árvore, ao vivo

Quem tem seguido os meus trabalhos sobre a história do coberto arbóreo do nosso país sabe que compus um mapa a propósito para o século XVI. Aí, constam em pormenor as espécies que fui encontrando. Cada ícone gravado corresponde em geral a uma centena de árvores documentadas. A área mais bem representada é a da nossa Beira por força dos inventários do património das ordens militares, em particular a de Cristo, que li até à exaustão para a tese de doutoramento que terminei em 1994 e defendi na Faculdade de Letras de Lisboa em 1995.

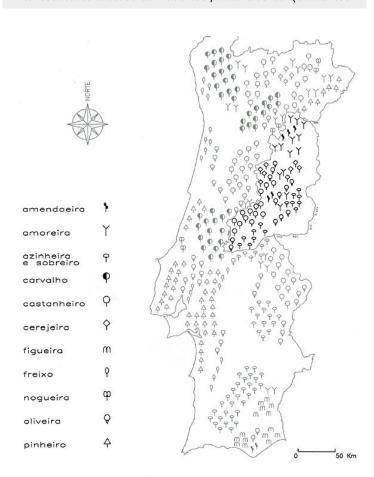
Com outras indagações que levei a cabo sobre o antigo concelho da Covilhã e também o do Fundão, que replicou aquele e integrou os extintos, Alpedrinha, Castelo Novo, Atalaia e estruturas paralelas às municipais encontradas no Alcaide e no Souto da Casa, tenho pronto algum labor que pode perspetivar, na Cova da Beira, um museu natural com diferentes espécies arbóreas a classificar, em roteiro, e integrar alguns mitos, como o do Carvalhal, que todos os anos tem feito reunir as nossas gentes. As árvores são o principal recurso da Cova da Beira e devia haver agui vários quadros que as dignificassem. A rainha é a oliveira e o rei deposto, o castanheiro. A amoreira representou a aristocracia e o povo revê-se no carvalhal.

Desde a minha adolescência, vi os saborosos caminhos da cerejeira que é agora a princesa da Beira e guardo da meninice a memória das sombras furtivas e úberes das figueiras. No passado, as produções fantásticas de castanha faziam deslocar ranchos de todo o Norte de Portugal para as safras de outubro e novembro e mercadores dos portos do Sul até às secadeiras, em janeiro e fevereiro, para as colocarem nas rotas do mundo.

Há todo um aparelho produtivo a recuperar em alguns exemplos. As oliveiras ainda estão aí no seu esplendor coletivo e alguns empreendedores têm vindo a melhorar a qualidade das nossas cerejas que estão a conquistar os mercados. No geral, quando falamos de árvores, aludimos aos seus frutos. Eu ainda apanho algumas nozes das nogueiras que me deixaram e das que plantei, mas creio que hoje estas e outras árvores ribeirinhas, como os freixos e os amieiros, podem ser recuperar aproveitadas para as indústrias madeireiras locais, demasiado expostas à sorte dos pinheiros e dos incêndios.

Mostro-vos uma versão modificada do mapa que está a fazer trinta anos na sua origem (1994), aproveitei para ilustrar Portugal, o Império Urgente (2003), na primeira versão e na que aqui vos mostro o Portugal Adentro (2008). Temos memória e há árvores com memória daí que honro o barbilho com este presente.

Revestimento arbóreo da Beira nos primórdios de Quinhentos



CONTRADITÓRIO

Acerca do declínio demográfico

As alterações demográficas são uma evidência e têm impacto em várias dimensões, desde as repercussões socioculturais aos efeitos culturais e ambientais. De facto, a população está a envelhecer, a natalidade diminui e as áreas rurais estão a ficar desertas. E a par desta dura realidade, avolumam-se problemas sérios ao nível da prestação de serviços sociais (cuidados de saúde, serviços culturais), físicos (transportes) e de conectividade TIC, educação e oportunidades de trabalho.

Mas é isto uma fatalidade?

O que é que se propõe? Será a mitigação bastante, ou impõem-se mudanças estruturais?

Não se pense que o acolhimento de migrantes em territórios frágeis e sem mínima robustez económica será a solução milagrosa. A questão é como aumentar a natalidade, fugir à pobreza e reter e fixar jovens?

Sem salários dignos, vínculos permanentes e horários de trabalho estáveis é difícil pensar em ter filhos.

Sem habitação acessível, efetiva mobilidade e eficaz conetividade é difícil travar o despovoamento.

Sem bons serviços de saúde, educação e cultura é difícil ser atrativo.

Sem uma efetivo reforço do aparelho produtivo no interior é muto difícil fixar jovens.

Não é tarefa fácil, mas é estrutural e de maior e possível sucesso. Haja vontade política!



BOM EXEMPLO

Filhas do Monte

Filhas do Monte foi uma espécie de utopia de animação teatral que envolveu uma comunidade numa aventuram coletiva repleta de memórias e significados. Com este bom exemplo Lavacolhos mostrou que é possível caminhar no sentido de uma sociedade inclusiva e participada.

Programado, ensaiado e montado durante meses a peça de teatro **Filhas do Monte** nasceu da iniciativa de Paulo Barbosa e Joana Rasgado, ambos com um passado ligado ao teatro, e ao tempo, recentemente radicados em Lavacolhos como proprietários e dinamizadores da Quinta do Ragal.

O texto da peça foi baseado nas Lendas da Argemela e constituiu uma homenagem ao monte fronteiro à aldeia que havia sido fustigado por um forte incêndio no ano de 2017.

Das muitas conversas que os autores tiveram com Diamantino Gonçalves resultou não só o conhecimento, mas sobretudo a partilha do forte simbolismo que a Argemela tem para o povo de Lavacolhos. Desta forma, a herança cultural é o ponto de partida para uma elaboração coletiva de significados, memória e tradições que enaltecem o valor da terra e a valentia do povo.

Estreado na noite de 14 de Agosto de 2018 na Praia Fluvial de Lavacolhos, o espetáculo é obra de uma comunidade, interpretado por homens e mulheres de Lavacolhos, com cenários feitos na aldeia e uma sonoplastia feita com a acústica da caixa e bombos de Lavacolhos.



Quem esteve naquele espetáculo, único e tão especial, por certo também se sentiu a fazer parte de uma comunidade e a perceber que a magia da felicidade pode residir na arte, na cultura e na sua raiz social.



Encenação: Joana Rasgado

Interpretação: Catarina Pais, Céu Pissarra Simão, Cristina Custódio, Fanny Real, Márcia Guerra, Maria Manuela Matias, Nicole Figueira, Patrícia Lima, Tatiana Gomes, Vanessa Barroca, Luís Matos, Marc Matos

Desenho de luz: Nuno Samora

Apoio musical: João Roxo

Design gráfico: Joana Respeita Barbosa

Fotografia: Inês Inácio

Texto: Paulo Barbosa

Apoio documental: Diamantino Gonçalves.

Produção: Junta de Freguesia de Lavacolhos e

Câmara Municipal do Fundão

Agradecimento: Twintex, Casa do Bombo,

Bombos de Lavacolhos e

NOTICIA

Caminhada Na Rota da Produção de Energia

Realizou-se, no dia 19 de fevereiro, uma caminhada na "Rota da Produção de Energia" promovida pelo Partido Ecologista os Verdes (PEV).

O ponto de partida foi a Quinta das Nogueiras, onde as obras de construção da central fotovoltaica já conduziram ao abate de uma zona de carvalho negral e à destruição do habitat natural de uma comunidade de cegonhas brancas.

Passou-se pela Central de Biomassa lembrando, mais uma vez, os seus efeitos negativos, em particular ruído e poeiras, que têm colocado em causa a qualidade de vida dos moradores. A caminha visitou ainda a zona onde está prevista a instalação de uma grande central de energia fotovoltaica.

O dirigente do PEV afirmou que, apesar de se considerar que a produção de energia a partir de fontes renováveis ser essencial para reduzir os combustíveis fósseis e minimizar as alterações climáticas, no entanto, a localização destes projetos, como é o caso das centrais fotovoltaicas, não pode comprometer e degradar a natureza e a qualidade de vida da população.

De facto, existem alternativas às grandes centrais fotovoltaicas, que são menos impactantes sobre o território e sobre as pessoas, como promover as novas centrais em zonas industriais, a instalação de módulos fotovoltaicos nas coberturas de edifícios públicos, de fábricas existentes e a substituição de coberturas com fibrocimento de fábricas e armazéns antigos. Também a ocupação de terrenos degradados, como antigas explorações de inertes ou áreas com solos esqueléticos improdutivos.

Tudo preferível à proliferação desregrada de grandes centrais que afetam a paisagem e os solos, inviabilizando terrenos férteis para agricultura e floresta.



TRIBUNA

Quando se escolhe colaborar com a perpetuação da desigualdade ...

Na passada noite de 4 de fevereiro deflagrou um incêndio num prédio no bairro da Mouraria, em Lisboa que provocou dois mortos e 14 feridos. Os dois mortos eram migrantes de nacionalidade indiana, assim como a maioria dos feridos, e um deles tinha apenas 14 anos.

Ora, o que pode ter este acontecimento trágico como ligação ao Fundão? Todos sabemos que muitos dos trabalhadores das plataformas de entregas são imigrantes desses países que, tendo tido promessas de trabalho e habitação dignas, arriscam a sua sorte por cá. Quando cá chegam são arregimentados pelas empresas de Uber, Bolt e outras plataformas para trabalharem sem contrato de trabalho, sendo-lhes assegurado que terão assim mais flexibilidade para trabalharem as horas que quiserem, sendo senhores do seu destino. Obviamente que esta liberdade se resume numa liberdade para não passar fome, já que os ganhos destes trabalhadores são tão magros que os obrigam a trabalhar muitas mais horas do que as que seriam até legais num contrato de trabalho, para depois acabarem o seu dia a dormir em camaratas superlotadas, condições indignas de salubridade, o que por vezes resulta em tragédias deste tipo.

Mas pergunto outra vez, o que pode ter este acontecimento trágico a ver com a nossa realidade fundanense? Por vezes, estas empresas de Uber e Bolt assumem nomes como Exubercardinal, e têm a sua sede fiscal no Fundão, agui perto, na incubadora da praça. E também sabemos que apesar da Câmara lavar as mãos da fiscalização da atribuição dos vistos gold que geram estas empresas, as contabilizam na sua informação escrita, ainda nesta que vamos aqui rever hoje vemos 80 incubações virtuais. Há portanto uma noção de "obra feita" na atração destas empresas: bonita obra.



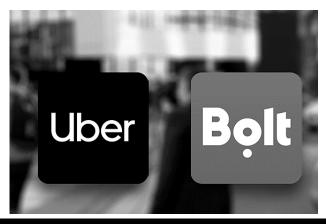
Guilherme Freches*

gfreches@gmail.com

Na informação escrita, vemos também que a velha opção da Câmara em dividir a classe trabalhadora entre "trabalhadores" e "colaboradores" continua. "colaboradores", fala-se Aos em 20 nacionalidades e atribuí-lhes a Bolsa de Imóveis (cujo regulamento nunca conhecemos, embora o tenhamos pedido já por diversas vezes), aos "trabalhadores" temporários, já se discriminam o número de pessoas por país, e apenas têm direito a serem seguidos pelo Gabinete para a inclusão e Diversidade Cultural. Vamos ver se com os milhões que agora se anunciam para habitação, a Câmara continua a dar borlas aos colaboradores na dita bolsa de imóveis e faz pagar renda aos trabalhadores migrantes que diz bem acolher.

De já tantas vezes que esta divisão é feita, mesmo após os nossos apelos, temos que concluir que a divisão é deliberada e ideológica. A definição de colaborador refere que esta é "uma pessoa que trabalha com outra, em iguais circunstâncias de iniciativa". Daqui segue que a Câmara assume então as diferentes circunstâncias entre os trabalhadores e os seus empregadores e escolhe colaborar com a perpetuação desta desigualdade.

* Intervenção do eleito da CDU na Assembleia Municipal de 27 de Fev 2023



(In) MOMENTOS

Terra

Maria Fael

Terra dura e madura onde a planta germina e a flor se ilumina de semente que brota numa raiz que perdura.

Terra maltratada, cultivada, ultrajada em mil mãos de homens, arremessada sem pejo em pedra e água esculturada!

Desertificam-te.

As giestas ocupam o espaço outrora povoado de vida, de casario térreo, tresmalhado, das risadas de crianças felizes, pobres petizes.

A hera engole, lentamente, a parede branca ratada da escola abandonada por falta de gente.

Onde houve calçada, hoje há terra, pedra. Terra isolada, abandonada por um povo que foge em busca de maior sorte.

Por ti se luta, por ti se sua, por ti se mata e se morre!

Ocupam-te, usurpam-te, transformam-te em cemitérios de restos, decoram-te com bancos de jardim sem uso.

Num poema de terra de gente que a trabalha que tem o que a terra dá que perde o que a terra leva, fica o poema da gente de uma terra sem dó de gente só!

Cobre-me com o teu pó!



SAUDAÇÃO

Dia Internacional da Mulher

«Mil razões para lutar: os direitos das mulheres têm de contar»

O Dia Internacional da Mulher, proposto por Clara Zetkin (socialista, marxista e feminista alemã) e instituído em 1910, é um símbolo da luta das mulheres, em diferentes países e no Mundo, contra a inferioridade e a discriminação que lhes foram impostas, na lei e na vida, e a exploração capitalista das trabalhadoras sujeitas a desumanas jornadas de trabalho, salários baixos e desproteção na gravidez e na maternidade.

Uma data com memória que, em Portugal, está ligada à luta na oposição ao fascismo, à negação de direitos económicos, sociais, políticos e culturais. Uma data erguida na luta pela liberdade, democracia e pela paz.

Uma data com futuro na luta pela igualdade no trabalho e na vida, cuja concretização é não só condição de progresso para as comunidades onde vivem, estudam e trabalham, como para a justiça e progresso do País.

Uma data em que homens e mulher contam e que juntos, na vontade e na força, lutam por fazer acontecer uma efetiva Igualdade na vida.

Viva o dia internacional do mulher!



REGIÃO

Um Escritor do Tortosendo, Gabriel Raimundo

Foi homenageado, a título póstumo, pelo Município da Covilhã, em novembro de 2022, o escritor Gabriel Raimundo, natural do Tortosendo.



Nasceu em Abril de 1945 nas faldas da Estrela, no Tortosendo, filho de gente do mundo do trabalho. As benesses da sua classe social, não eram mais que trabalho e uma grande dureza na procura de oportunidades para apanhar o elevador social, o estudo, o que indelevelmente o marcou.

Apesar desses limites colocados à educação do operariado nesta cidade, conseguiu ultrapassar alguns, com uma força interior lutadora e vontade de superação. Teve a Covilhã como foco de cultura e desenvolvimento até à juventude e idade para ir combater na guerra colonial, o que, em consciência recusou.

Exilou-se em França na década de sessenta. Como emigrante, trabalhou em diversos ofícios, tendo a escrita sempre na mira. Dessa vivência, obras como "Construtores de Pontes, Usinas e Maisons" e " Na Estranja", retratam os quotidianos duros dos emigrantes nessa época, em Paris e na "banlieu". Esse período alargou-lhe os horizontes e o jornalismo e a escrita afirmar-se-iam como o seu projecto de vida, tendo trabalhado no Jornal do Emigrante, como director e colaborado em periódicos franceses. Viver na "urbe, pulmão do humanismo universal", segundo as suas palavras, "aproximou-o de indomáveis lutadores pela implantação de um urgente regime democrático, assente na Liberdade com epicentro em Lisboa" (1)

O 25 de Abril, fê-lo rumar a Portugal, de Salamanca, onde esteve preso desde 1973, às ordens da PIDE, quando regressava a Portugal clandestinamente. Ainda foi a Angola, para completar o serviço militar até Março de 1975. Regressado, viveu o período mais quente do PREC na Beira Baixa.

Foi aqui que nos cruzámos pela primeira vez. Nas nossas cabeças e nos nossos corações, os sonhos tinham acelerado, por efeito desse vento quente soprado pela revolução de Abril. Sofremos juntos dessa febre, congeminámos realidades que a conspiração não deixou sair do estado de crisálida. Não ganharam asas. Mas ficou a certeza de que o Gabriel era um filho e a consciência desta "Estrela". Há uma obra sua com este título. Das mais significativas e representativas. Tal como o "Tear de Tomates".

Um dos aspetos fascinantes na sua escrita é que ela brota da vida, esta é o fio condutor da sua obra, assumindo-se como uma grande reportagem do vivido, real e imaginado. Assistimos ao palpitar da vida rural serrana, ao seu ritmo sazonal, os meninos que saltam muros, roubam fruta com o outro olho no dono do pomar e mergulham, pelo quente da tardinha, nos tanques de rega. Cheira a esteva, a queiró florida e ao mel prometido pelo zumbido das abelhas. É o úbere rústico e cheio da serra, que, no entanto, é ossuda, de ossos graníticos, duros e salientes. Tão mãe e, às vezes, madrasta. Os mitos, as lendas e as memórias, miscigenando-se, formando uma deliciosa, real e fantástica sopa serrana de cultura. Para tal contribui a pesquisa etnográfica aturada, paciente e sólida, as canções de romaria, as festas cíclicas de sempre, metamorfoseadas em culto aos santos e santas de todos os lugares da Beira Baixa. Mas, é a vida que ali está, dura, dura como só os serranos a conhecem, coroada com o seu arco-íris de fantástico e maravilhoso, a epopeia serrana do século XX, ratinhos e galegos no Alentejo, pastores, carvoeiros, cavadores e mineiros, sempre a vergar a mola, na França dos anos sessenta, morando nos "bidonvilles" ou em hotéis baratos. Mas também na solidariedade e nos rituais gastronómicos com o tinto e o zimbro, digestivos e conviviais.

Qualquer historiador que venha, no futuro, a interessar-se pela vida da população desta serrania terá que vir aqui beber. Está cá toda, a transumância e as migrações sazonais para as searas do "Além Tejo", a grande diáspora dos serranos para a Europa e as esperanças e temores no início do milénio. Numa escrita escorreita, bela e atraente, como numa estória oral em que ficamos de ouvidos bem abertos e boca calada. Simultaneamente, um documento histórico.

Tal como outra obra, igualmente representativa, "Tear de Tomates", que não é o fruto de um observador que veio de fora, é de um escritor que viveu essa realidade do trabalho durante a sua juventude e a opressão do mundo operário covilhanense não lhe é estranha. As personagens do seu "romance dos trapos da corda da serra" são pessoas do mundo do trabalho que contam, em estilo de entrevista, os episódios vividos de 1941 a 46, quer na Covilhã, nas ruas e nas praças, nas fábricas, na esquadra, quer no comboio para Lisboa, guardados pela polícia, os interrogatórios... num estilo jornalístico coloquial, com o quotidiano sempre a transparecer em cada frase, em cada palavra, em cada sílaba. É a vida popular e do operariado, num retrato próximo e íntimo, com a confidência chã a cada passo. Desde os mais recônditos locais, palpita a vida covilhanense e a mentalidade deste povo, retratado de perto por quem lhe conhece as poses e os modos e vive de forma semelhante, enquanto pessoa e escritor.

Tornei-me seu leitor e escrevi o prefácio numa obra, a "Herdeira de Colombo na Ilha Dourada". "Lançou âncora junto à Costa de Caparica (Almada) na década de setenta." (palavras suas). Retomou o jornalismo em 1976 no "Diário" e trabalhou num jornal da nossa região, o "Jornal do Fundão", no Alentejo, Évora, e em Cabo Verde no "Voz di Povo" entre 1988-92." "As marés da vida levam-no a alargar os horizontes do Mundo desde o final da adolescência, conheceu os painéis humanos de África, Europa, Brasil e Ilhas da Macaronésia, desde os Açores, Canárias e Cabo Verde até ao Arquipélago da Madeira de que é joia peculiar o Porto Santo." Em algumas obras surgem estes espaços e as suas gentes, mormente esta ilha e Cabo Verde.

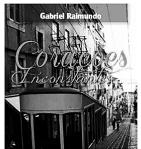
Nas duas últimas décadas da sua vida valorizou, segundo as suas palavras "a costela de Escritor que o atormenta(va) desde a fase escolar das Redações". (2)

São vinte e quatro títulos a sua obra. Merece ser conhecido e estudado, como escritor covilhanense e universalista que foi.

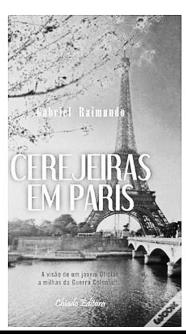
- (1) Notas na contracapa da obra "Herdeira de Colombo na Ilha Dourada"
- (2) Notas na contracapa da obra "Herdeira de Colombo na Ilha Dourada"

Casimiro Santos Professor/Historiador









GARDUNHA

Poéticas de um lugar

Jardins de pedras

Lá no cume da serra ergue-se uma **Penha** de feição piramidal, irregularmente arredondada. Por ali, e por toda a vertente sul da Gardunha, estamos em presença de autênticos jardins de pedras.

Jardins cuja identidade lhe vem do granito que há milénios é batido por ventos, fendido por gelos, abrasado pelo sol e arrastado por águas poderosas.

Jardins vivos e mutantes, rugosos e macios, despidos e cobertos. Lugares cuja pele à medida que envelhece se altera e reconfigura.

De uma geografia em construção, a Gardunha tem uma geomorfologia rica e variada e muita dela foi referenciada e classificada com valor patrimonial. De acordo com o seu modelado granítico, de micro ou média dimensão, lá estão fissuras, pias, pedestais e pedras bolideiras ou tors e caos de blocos e outras coisas mais, como lajes e blocos fraturados.

Mas, o interessante é sua designação popular, já que nelas cada forma está próxima de um falar comum e vulgar: *Crista do Galo, Cabeça do Gigante, Soldado, Rochedo com Umbigo, Bloco "em côdea de pão, …*

O todo que são estes jardins formam um conjunto patrimonial e cultural. Um geossítio onde olhar é ver e descobrir feições, vestígios e caraterísticas, confirmando ou não hipóteses da ciência.

Um conjunto cultural, cuja apreciação é refém de um sentimento estético coletivo que interrelaciona tradições, místicas e religiosidades populares.

> Diamantino Gonçalves e Isaura Reis

